

Releituras de Jane Austen: o fenômeno das adaptações audiovisuais

Retellings of Jane Austen: the phenomenon of audiovisual adaptations

Adriana dos Santos Sales

RESUMO: Este artigo propõe uma análise do fenômeno das adaptações audiovisuais da obra de Jane Austen, à luz das teorias da adaptação e da cultura da convergência, formuladas respectivamente por Linda Hutcheon (2013) e Henry Jenkins (2009). Parte-se da compreensão de que as adaptações não devem ser vistas como meras cópias do texto original, mas como práticas intersemióticas e culturais que reconfiguram narrativa, linguagem e valores. A permanência da autora na cultura contemporânea se manifesta por meio da transposição de seus romances para mídias como cinema, televisão e redes digitais. Tais releituras são impulsionadas tanto por produções institucionais quanto por iniciativas de fãs, que atuam como agentes ativos na recriação e circulação das obras. A partir desse panorama, este estudo investiga como essas adaptações renovam o interesse por Jane Austen, principalmente entre o público jovem, promovendo uma atualização estética e ideológica do cânone literário. A análise considera as adaptações como produtos culturais que articulam memória literária, prática participativa e mediação midiática.

Palavras-chave: Jane Austen. Adaptação. Audiovisual. Cultura da convergência. Intersemiótica.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the phenomenon of audiovisual adaptations of Jane Austen's work, based on the theories of adaptation and convergence culture, developed respectively by Linda Hutcheon (2013) and Henry Jenkins (2009). Adaptations are understood not as mere copies of the original text, but as intersemiotic and cultural practices that reconfigure narrative, language, and values. Austen's enduring relevance in contemporary culture is evidenced by the transposition of her novels into film, television, and digital platforms. These retellings are driven both by institutional productions and by fan initiatives, who act as active agents in the recreation and circulation of the texts. This study explores how such adaptations renew interest in Austen, especially among younger audiences, by offering aesthetic and ideological updates to the literary canon. The analysis considers adaptations as cultural products that articulate literary memory, participatory practices, and media mediation.

Keywords: Jane Austen. Adaptation. Audiovisual. Convergence culture. Intersemiotics.

Introdução

A obra de Jane Austen tem atravessado fronteiras temporais, geográficas e midiáticas. Ao longo dos séculos, a escritora tem se tornando um dos maiores fenômenos de recepção da literatura inglesa. Publicados originalmente no início do século XIX, seus romances não apenas mantêm seu prestígio literário como também se multiplicam em novas versões, recriações e transposições para outras mídias — em especial o cinema, a televisão e, mais recentemente, plataformas digitais e redes sociais. A constante circulação de suas narrativas e personagens em diferentes linguagens e

formatos evidencia um legado que vai além do suporte impresso e que pode ser investigado sob a perspectiva das teorias contemporâneas da adaptação e da cultura midiática.

A partir da teoria da adaptação proposta por Linda Hutcheon (2013), compreende-se que adaptações não devem ser vistas como meras cópias ou versões inferiores do texto fonte, mas sim como formas criativas, que reconfiguram conteúdos e estruturas em um novo contexto semiótico. A autora propõe uma abordagem tripartida da adaptação — como produto, processo e prática intersemiótica — que permite analisar tanto os aspectos estéticos quanto os culturais envolvidos na transposição de uma obra literária para outras mídias. No caso de Jane Austen, suas obras são constantemente revisitadas e ressignificadas por meio de filmes, séries, *fanfictions*¹ e até *memes*², revelando um processo contínuo de recriação e apropriação cultural.

Além disso, à luz das reflexões de Henry Jenkins (2009) sobre a cultura da convergência, nota-se que o fenômeno das adaptações de Austen não se limita à produção institucionalizada por grandes estúdios, mas envolve também práticas participativas de fãs, como a criação de *fanfictions*, a produção de conteúdo audiovisual independente e a disseminação de narrativas fragmentadas em múltiplas plataformas. Jenkins destaca o papel ativo dos públicos na circulação de conteúdos e na construção de significados, o que é particularmente relevante quando se observa a permanência e a reinvenção de Austen em ambientes digitais, onde leitores e espectadores reconfiguram seus textos à luz de suas próprias experiências e visões de mundo.

Diante desse panorama, este artigo propõe investigar o fenômeno das adaptações audiovisuais da obra de Jane Austen como uma prática cultural que articula memória literária, intersemiótica e participação midiática. A relevância do tema se justifica pela crescente presença de releituras de Austen em produções audiovisuais contemporâneas e pelo papel central que essas adaptações desempenham na renovação do interesse por sua obra, sobretudo entre o público jovem. Além disso, analisar tais adaptações à luz de teorias mencionadas anteriormente oferece uma oportunidade de compreender os mecanismos pelos quais o cânone literário é mantido, adaptado e transformado para o público atual.

¹*Fanfictions* são histórias escritas por fãs.

²*Memes* são imagens estáticas, vídeos e textos que compartilham ideias, críticas ou apenas piadas.

O presente estudo parte da seguinte pergunta de pesquisa: como as adaptações audiovisuais contemporâneas da obra de Jane Austen reconfiguram sua narrativa, linguagem e valores, ao dialogarem com novos contextos culturais e midiáticos? Parte-se da hipótese de que tais adaptações atuam como práticas intersemióticas e participativas, nas quais a fidelidade ao texto literário original é frequentemente substituída por abordagens criativas, críticas e esteticamente renovadoras.

A partir desse questionamento, o objetivo principal do artigo é realizar um levantamento das adaptações audiovisuais da obra de Jane Austen, aprofundando a reflexão sobre os modos como literatura, cinema e outras mídias interagem e se transformam mutuamente no processo adaptativo. Devido ao número expressivo de adaptações, para este estudo foram selecionadas sete adaptações. Os objetivos específicos que orientam minha análise são: a) discutir o conceito de adaptação intersemiótica, conforme proposto por Hutcheon (2013), e sua aplicação às releituras das obras de Austen; b) analisar, à luz da noção de cultura da convergência de Jenkins (2009), como essas adaptações circulam por diferentes mídias e são apropriadas por públicos diversos; c) examinar exemplos de produções contemporâneas — como filmes e séries — que atualizam e expandem o universo austeniano para além do suporte literário.

Ao considerar as releituras audiovisuais de Austen sob essas perspectivas teóricas, este artigo busca contribuir para os debates sobre a adaptação literária como fenômeno cultural em constante transformação, que envolve processos de ressignificação estética, participação ativa dos públicos e circulação transmidiática.

Jane Austen: cânone e a cultura pop

Jane Austen (1775–1817) foi uma romancista inglesa do século XIX, cuja obra permanece entre as mais lidas e adaptadas da literatura mundial. Publicou seus romances de forma anônima durante a maior parte de sua vida, em um contexto histórico em que a autoria feminina enfrentava restrições sociais e editoriais. Austen escreveu desde muito jovem e hoje essas histórias mais curtas fazem parte da juvenília da escritora. Austen escreveu seis livros completos: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1816), *A Abadia de*

Northanger (1817) e *Persuasão* (1817), frequentemente citados como marcos da literatura inglesa.

Embora tenha alcançado relativo sucesso no final de sua vida, foi apenas por volta de 1923, com as edições críticas publicadas por R. W. Chapman pela editora Clarendon Press, que Austen foi plenamente reconhecida como autora canônica (Ray, 2017). Essas edições traziam prefácios e notas analíticas que fundamentaram os estudos acadêmicos sobre sua obra. Como afirma Ray (2017), foi esse trabalho editorial que consolidou Austen no cânone literário anglófono.

Apesar de existirem adaptações desde 1938 (Wels, 2018), foi a partir do final dos anos 1990 que Austen passou a habitar também o universo da cultura *pop*, graças a uma série de adaptações audiovisuais de seus romances. Segundo Yaffe (2013), dois universos distintos se cruzam nesse processo: o primeiro pertence ao panteão da literatura inglesa clássica, enquanto o segundo estende-se ao domínio comercial da cultura *pop*. Filmes e séries, como *Razão e Sensibilidade* (1995), com roteiro de Emma Thompson, que obteve amplo reconhecimento crítico, tornaram suas histórias acessíveis a um público mais amplo e diversificado.

Essa crescente visibilidade midiática impulsionou também o interesse do mercado editorial, que passou a investir em novas edições, traduções e reedições das obras de Austen. Como resultado, a autora tornou-se uma espécie de "marca", cuja presença se estende do cânone literário ao *fandom*³ global, reforçando sua relevância tanto nos estudos acadêmicos quanto nas práticas culturais contemporâneas (Yaffe, 2003; Harman, 2009; Mandal, 2009).

(Re)contando as histórias de Jane Austen: adaptações em diversas mídias

De Terán (2017, p. 177) afirma que "Jane Austen é uma das romancistas mais adaptadas no cinema e na televisão de toda história"⁴. Inclusive, Austen tem sido foco de atenção de cinebiografias (*biopics*) e documentários. Vicente (2017, p. 201) reforça essa popularidade ao constatar que até aquele ano foi possível encontrar mais de "setenta e cinco produções nas quais Austen aparece como autora, creditada ou não, em produções britânicas, estadunidenses, italianas, alemãs, espanholas e indianas, entre outros países".

³*Fandom* é composto pelo grupo de fãs.

⁴No original, em espanhol: "... es uma de las novelistas más adaptadas al cine y a la televisión de la historia" (tradução minha).

Podemos tentar explicar os motivos pelos quais Austen continua sendo lida, adaptada, imitada e parodiada. Vickery (2011) afirma que a principal causa de sua fama deve-se à quantidade de lacunas que, de maneira deliberada, Jane Austen deixou em seus romances.

O estudo das adaptações literárias tem se transformado significativamente nas últimas décadas, acompanhando as mudanças nas formas de produção e recepção cultural. Nesse contexto, a contribuição de Hutcheon (2013), em *Uma teoria da adaptação*, oferece uma abordagem inovadora para a compreensão das adaptações não como reproduções subordinadas a uma obra original, mas como produções autônomas que dialogam criativamente com o texto fonte. A autora propõe uma visão ampla e dinâmica da adaptação, entendendo-a simultaneamente como produto (a obra adaptada em si), processo (o ato de transposição entre mídias) e prática (um modo de recontar histórias conhecido e compartilhado).

No caso específico das obras de Jane Austen, essa perspectiva permite compreender as inúmeras transposições não como “traições” ao texto original, mas como manifestações legítimas de um diálogo intersemiótico. Essas adaptações são palimpsestos que coexistem com suas fontes, e que, ao fazê-lo, atualizam os temas e valores das obras em novos contextos. A popularidade das adaptações de Austen em diversas mídias, portanto, pode ser entendida como uma prova de sua maleabilidade narrativa e de sua capacidade de dialogar com públicos diversos ao longo do tempo.

Também é relevante observar que Henry Jenkins (2009), em *Cultura da Convergência*, oferece uma leitura significativa para entender o ambiente contemporâneo em que essas adaptações circulam. O autor propõe o conceito de convergência midiática, isto é, a interseção entre diferentes mídias e plataformas que permite que as narrativas se desdobrem de modo colaborativo e participativo. Nesse novo ecossistema cultural, os fãs deixam de ser apenas receptores e assumem o papel de produtores, recriando e disseminando conteúdos a partir de obras canônicas como as de Austen. A cultura da convergência promove uma circulação transmidiática das narrativas, na qual uma história pode ser contada de maneiras distintas em mídias diversas, sem que haja necessariamente hierarquia entre elas.

A perspectiva de Jenkins (2006, 2009) é particularmente útil para a compreensão do fenômeno das *fanfictions* baseadas em Jane Austen, das recriações audiovisuais feitas

por fãs no YouTube⁵, de webséries interativas e da proliferação de *memes* literários nas redes sociais. Nessas formas de apropriação, os textos de Austen são reinterpretados à luz das experiências contemporâneas, revelando não apenas a sua permanência cultural, mas também sua capacidade de gerar novos significados. Assim, a circulação das adaptações de Austen no ambiente digital configura-se como um exemplo claro do que Jenkins chama de narrativas em fluxo, nas quais o conteúdo se expande, se transforma e se rearticula por meio da interação entre diferentes agentes culturais.

Dessa forma, os aportes teóricos de Hutcheon e Jenkins permitem uma análise integrada das adaptações audiovisuais de Austen, ao mesmo tempo em que reconhecem sua complexidade enquanto práticas criativas, socioculturais e intersemióticas. Com base nesses referenciais, a análise que se seguirá buscou compreender como essas adaptações ressignificam os romances da autora e dialogam com públicos contemporâneos, lançando novas luzes sobre sua recepção e permanência.

A presença de Jane Austen nas adaptações contemporâneas está diretamente relacionada à força do audiovisual como meio de mediação cultural e à expansão das possibilidades de circulação de obras literárias em múltiplos suportes. Os dispositivos eletrônicos conectados à *Internet*, os *DVDs*, as séries e os filmes para a televisão e o cinema favoreceram a apreciação das obras de Austen, transformando-a em uma celebridade. Nesse processo, o nome da autora ultrapassa os limites da literatura e se inscreve no imaginário coletivo global como símbolo de tradição, literatura clássica e entretenimento.

Esse fenômeno é descrito por Simons (2009, p. 476) em termos bastante precisos, Austen “tornou-se um ícone cultural, ocupando uma posição única no mundo moderno, seu nome incorpora uma série de valores que ressoam mesmo naqueles que nunca leram uma palavra do que ela escreveu⁶”. Tal afirmação aponta para o modo como a autora foi incorporada à cultura midiática como marca identitária e referencial simbólico, o que explica a proliferação de produtos culturais derivados de seus romances. Um exemplo claro dessa força é o caso do livro *Orgulho e Preconceito* (Austen, 1813), cuja repercussão tem sido particularmente expressiva. Só em língua inglesa é possível encontrar mais de 49 sequências modernas de *Orgulho e Preconceito* (Simons,

⁵www.youtube.com

⁶No original, em inglês: “She has become a cultural icon, occupying a unique in the modern world, her very name embodying a set of values which resonate even with those who have never read a word she wrote” (tradução minha).

2009), sem contar os outros cinco livros principais de Austen. De acordo com o levantamento de Biajoli (2017), apenas no site da *Amazon* havia 580 resultados para o termo *Jane Austen Sequels* no ano de 2016. Esses números indicam não apenas a popularidade da obra, mas também sua condição de fonte inesgotável para reinterpretações, expansões narrativas e experimentações intersemióticas.

A disseminação das obras de Jane Austen no Brasil acompanha o movimento global de popularização da autora por meio das adaptações audiovisuais e inúmeras edições de seus livros. A exibição de filmes e séries e, mais recentemente, a circulação em mídias digitais, consolidaram a presença de Austen entre os públicos brasileiros. A versão cinematográfica de *Orgulho e Preconceito* (2005), protagonizada por Keira Knightley, foi especialmente significativa nesse processo devido ao enorme sucesso do filme, incluindo grupos de discussão nas redes sociais da época. No Brasil, Austen conquistou um número maior de fãs também graças à essa versão, o que se refletiu na criação de comunidades em plataformas como o Orkut (Sales, 2018), marcando o início de uma recepção mais ampla e participativa da autora no ambiente digital.

Essa notoriedade não surgiu de forma isolada, mas se insere em um movimento anterior de adaptação e difusão das obras de Austen por meio do cinema e da televisão. As produções lançadas na década de 1990 – “*Razão e Sensibilidade*” (1995), “*Orgulho e Preconceito*” (1995) e “*Emma*” (1996) – foram adaptações que conduziram Austen para a popularidade que é observada no século XXI. *Emma* (1996) e *Razão e Sensibilidade* (1995) — foram sucesso de bilheteria nos cinemas do mundo todo e, posteriormente, exibidas na televisão brasileira, contribuindo para a familiarização do público com o universo austeniano. Por sua vez, *Orgulho e Preconceito* (1995), minissérie de seis episódios, exibida pelo canal britânico BBC, é considerada também um fenômeno por ter recebido críticas positivas e ter alcançado um grande público no Reino Unido e em países que exibiam a programação da BBC. Mais tardiamente é que essa minissérie fez sucesso no Brasil com o lançamento do *DVD* pela editora LogOn em 2009. A crescente popularidade da autora encontra respaldo nos argumentos de Yaffe (2013), que destaca a afinidade entre a experiência do *fandom* e o ambiente digital, sendo perfeitamente natural que a paixão pelos livros escritos há duzentos anos se manifeste por meio da tecnologia. Ainda segundo a autora, antes da *Internet*, existiam fãs de Jane Austen, porém, o *fandom* da autora é uma criação da era digital (Yaffe, 2013). Essa constatação ajuda a entender por que o nome de Jane Austen aparece com frequência nas redes

sociais, mesmo quando essas plataformas não têm como objetivo principal a discussão literária.

Os dados sobre os canais de acesso à obra de Austen confirmam essa dualidade entre o literário e o audiovisual. Sales (2018, p. 214) confirma essa tendência em sua pesquisa ao afirmar que há “os fãs que conheceram Jane Austen ao lerem seus livros (56%) e aqueles que a conheceram a partir de filmes ou minisséries de televisão (47%)”. A convergência entre o cânone literário e a cultura participativa dos fãs pode ser observada na apropriação do ambiente digital para fins de mediação cultural. Como constatado por Sales (2018, p. 215):

“a principal convergência entre o cânone e o *fandom* da escritora pode ser percebida como os membros de ambas as categorias se apropriam do ambiente virtual ao participarem de redes sociais com perfis ou comunidades relacionados à autora. Tanto o apelo dos livros quanto o apelo das adaptações são motivos para criação de contas nas redes sociais”.

No contexto brasileiro, um fator que contribuiu para o fortalecimento desse processo foi a distribuição de *DVDs* com legendas em português. Sales (2018, p. 217) constata que:

“A partir de 2000, foram comercializados *DVDs* contendo as obras adaptadas para o cinema e a televisão, sendo a LogOn a principal responsável por trazer esses títulos, com legendas em português, disponível antes somente em língua inglesa. A LogOn distribuiu 7 títulos dos 17 lançados no Brasil, nos últimos 17 anos”.

Desse modo, é possível afirmar que a disponibilização de versões legendadas ou dubladas das adaptações cinematográficas e televisivas de Austen desempenhou papel fundamental na ampliação do público leitor e espectador no país.

Análises

Refletir sobre todas as produções baseadas nas obras de Austen ao redor mundo é um trabalho bastante complexo. Portanto, o recorte que fiz para esta análise foi de modo que pudesse contemplar uma produção de cada narrativa midiática. Desta forma, o escopo deste trabalho foram as adaptações: o **teleteatro** *Orgulho e Preconceito* (1962), o **filme** *Orgulho e Preconceito* (2005), a **websérie** *The Lizzie Bennet Diaries* (2012 –

2013), o **musical** *Nuvem de Lágrimas* (2015), a **telenovela** *Orgulho e Paixão* (2018), a **minissérie** *Sanditon* (2019 – 2013) e o **filme** *Emma* (2020), por ser mais recente.

A partir da teoria da adaptação de Hutcheon (2013), compreende-se que adaptações de obras literárias clássicas não se configuram como reproduções literais, mas como recriações que dialogam com distintos contextos históricos, culturais e midiáticos. A adaptação *Orgulho e Preconceito* (2005), dirigida por Joe Wright, exemplifica esse processo ao optar por uma estética cinematográfica marcada pelo romantismo visual e pela imersão emocional, com cenas que destacam paisagens bucólicas, iluminação suave e enquadramentos que reforçam a subjetividade dos personagens. Essa abordagem enfatiza a dimensão afetiva da narrativa e projeta uma visão idealizada do interior da Inglaterra, ressignificando o texto de Jane Austen em consonância com as expectativas contemporâneas. Ao fazer algumas mudanças na história original de Austen, a versão de Joe Wright realiza o que Hutcheon (2013) chama de processo de transcodificação – reconto de uma mesma história sob um ponto de vista diferente. O diretor utiliza as versáteis possibilidades cinematográficas que fornecem a flexibilidade para adaptar a obra.

Há uma cena, logo no início do filme, em que Elizabeth Bennet está caminhando enquanto lê um livro. Nesta cena, o diretor usou os recursos como um dia ensolarado e um fundo musical, fazendo uma espécie de jogo entre imagem e som, proporcionando a intertextualidade entre as artes, já que para essa adaptação foram compostas músicas exclusivamente para serem inseridas no filme. Jones e Lane (2012, p. 57) afirmam que as “casas de época foram cuidadosamente escolhidas para refletir as posições sociais relativas dos personagens, assim como figurinos e carruagens foram selecionados para evidenciar suas rendas disponíveis”⁷. Porém, diferentemente das adaptações anteriores, ao invés de apresentar cenários luxuosos, o diretor “opta pela representação realista de uma casa rural de família de posses modestas” (Kinoshita, 2016, p. 109). Isto é possível já que o próprio texto de Austen não oferece muitas descrições do ambiente, proporcionando uma liberdade maior de adaptação.

Na direção contrária, a websérie *The Lizzie Bennet Diaries* (2012-2013), dirigida por Bernie Su e produzida por Hank Green, transpõe o universo de *Orgulho e Preconceito* para um cenário contemporâneo, utilizando o formato de *videologs* para construir a

⁷No original, em inglês: “Period houses were carefully chosen to reflect the relative social positions of the characters, costumes and carriages selected to show their disposable incomes” (tradução minha).

narrativa. A protagonista, Lizzie, apresenta os conflitos e personagens por meio de vídeos publicados no YouTube, e o enredo se desenvolve também nas redes sociais, permitindo a interação direta entre os personagens fictícios e os espectadores. Essa adaptação é emblemática do que Jenkins (2009) denomina cultura da convergência, ao transformar a experiência da leitura em uma vivência multimodal, colaborativa e transmidiática. O público deixa de ser apenas receptor e se torna participante ativo na construção do universo narrativo.

Nesta adaptação, a trama de *Orgulho e Preconceito* é recontextualizada da Inglaterra regencial para a Califórnia nos Estados Unidos, no século XX. Dessa forma, o que ocorre em *The Lizzie Bennet Diaries* é o que Saint-Gelais (2005) chama de transposição, que é “o deslocamento do mundo ficcional para um contexto temporal ou espacial diferente”⁸ (Rossato, 2018, p. 58). Neste sentido, segundo Rossato (2018, p. 58), a obra também pode ser considerada “uma modificação, pois, em vez de preservar o enredo e a história principal, altera a trama, especialmente no que diz respeito à trajetória de Lydia Bennet”⁹. Embora, existam semelhanças entre personagens e o enredo com o texto fonte de Austen, essa adaptação se configura como uma narrativa transmídia, oferecendo novos desdobramentos e não apenas replicações conforme Jenkins (2009). Rossato (2018, p. 59) classifica *The Lizzie Bennet Diaries* como um projeto, cuja “narrativa se desenvolve ao longo de redes sociais, canais de YouTube de outros personagens, livros e também por meio de produtos licenciados disponíveis online”¹⁰.

Esse modelo de participação é discutido por Jenkins (2009), que enfatiza como a convergência de mídias transforma os modos de produção e recepção das narrativas. *The Lizzie Bennet Diaries* não apenas adapta uma trama literária ao contexto digital, mas amplia sua influência cultural ao permitir que o público interaja com os personagens através de múltiplas plataformas, como Twitter (atual X)¹¹, Tumblr¹² e Instagram¹³, por exemplo. Trata-se de um exemplo de como as práticas de fãs e a apropriação de

⁸No original, em inglês: “it refers to the fact that any two or more fictional works share elements such as characters, events or locations” (tradução minha).

⁹No original, em inglês: “modification, because instead of preserving the design and the main story, it changes the plot, especially regarding the journey of Lydia Bennet”. (tradução minha).

¹⁰No original, em inglês: “The narrative develops throughout social media, characters’ YouTube channels and books, as well as online merchandising” (tradução minha).

¹¹<https://x.com/home>

¹²<https://www.tumblr.com/>

¹³<https://www.instagram.com/>

conteúdos clássicos podem fomentar novas formas de engajamento com a literatura, ao mesmo tempo em que promovem uma atualização dos valores e temas originais sob uma perspectiva mais inclusiva e dinâmica.

Por sua vez, a minissérie *Sanditon* (2019–2023), dirigida por Andrew Davis, foi baseada no romance inacabado de Jane Austen, propõe uma expansão criativa do enredo ao incorporar temas contemporâneos como raça, sexualidade e empoderamento feminino. De acordo com Marshall (2018), há pelo menos doze continuações textuais (*fanfictions*) de *Sanditon* produzidas após o ano 2000 e o surgimento da atual *Austenmania*. Na minissérie, os elementos, ausentes ou apenas sugeridos na obra original, são destacados como eixos centrais da trama, promovendo uma leitura crítica e atualizada dos valores do período regencial inglês. A narrativa expande os conflitos originais e introduz personagens inéditos, explorando o potencial inacabado da obra para propor uma ficção histórica que dialoga com as demandas sociais do século XXI.

Sanditon, iniciado em 1817, foi publicado apenas em 1925, editado por R. W. Chapman sob o título de fragmento de uma novela, de acordo com o site da Jane Austen's House (s.d.). O livro se distingue dos demais por conter a única personagem de Austen que se identifica como sendo claramente uma mulher negra. No pequeno trecho de *Sanditon* que Austen escreveu, a Mrs. Lambe não tem nome próprio e é vista pelos olhos de outras personagens como doentia e fraca, porém, a minissérie nos apresenta uma Georgiana Lambe cheia de energia e rebeldia (Griffiths, 2020). Em *Sanditon* (2019 – 2023), Georgiana é a herdeira das Índias Ocidentais, sendo que na primeira temporada da minissérie, o enredo girava em torno da raça e de sua relativa falta de poder sobre seu próprio destino.

Sanditon aborda questões raciais, especialmente em relação à personagem Georgiana, e, embora a minissérie demonstre interesse em representar os preconceitos enfrentados pela moça, algumas escolhas narrativas foram criticadas. A prioridade dada a certas histórias e a forma como vilões são retratados parecem, em alguns casos, estar relacionadas à raça. O protagonista branco Sidney, guardião de Georgiana, é comparado ao Mr. Darcy de *Orgulho e Preconceito* e recebe um arco de redenção ao renunciar lucros obtidos com a escravidão. Em contraste, o interesse amoroso de Georgiana, que é negro, é apresentado como manipulador, tentando forçá-la a um casamento por causa de dívidas. A narrativa de Georgiana acaba sendo subordinada à de Charlotte, protagonista

branca, já que os eventos envolvendo Georgiana servem principalmente para aproximar Charlotte e Sidney.

A minissérie *Sanditon* ilustra, de maneira clara, a noção de adaptação como recriação proposta por Hutcheon (2013), ao expandir criativamente um fragmento deixado por Jane Austen. A personagem da Mrs. Lambe é ressignificada na adaptação como Georgiana Lambe, uma jovem negra vigorosa, herdeira das Índias Ocidentais, cuja trajetória envolve temas como racismo, autonomia feminina e colonialismo. Essa reinvenção não apenas preenche lacunas narrativas do texto original, mas também atualiza seu conteúdo para refletir debates contemporâneos sobre identidade e poder. Além disso, sob a perspectiva da cultura da convergência de Jenkins (2009), *Sanditon* exemplifica como o público atual busca narrativas que dialoguem com suas preocupações sociais e culturais, resultando em adaptações que, mais do que representar o passado, o reinterpretam criticamente. A inserção de temas como raça e empoderamento feminino funciona, assim, como um gesto de mediação cultural, ampliando o acesso e a identificação de públicos historicamente marginalizados nas adaptações do cânone literário.

No filme *Emma* (2020), dirigido por Autumn de Wilde, a atualização estética é um dos elementos mais marcantes da adaptação. O uso da fotografia meticulosamente composta, a paleta de cores vibrante e o figurino estilizado conferem à obra um aspecto quase performático, que remete ao teatro e à pintura do século XIX. Tal abordagem ressalta o tom satírico presente no romance de Austen e sublinha o caráter teatral das convenções sociais retratadas, em um jogo estético que atrai o espectador contemporâneo pelo artifício visual.

Neste filme, há uma cena em que as alunas do internato estão vestindo trajes vermelhos evocando visualmente a série *The Handmaid's Tale* (O conto da Aia), criando uma intertextualidade que reforça a crítica ao papel subordinado das mulheres na sociedade patriarcal. Como analisado por Jenkins (2009), a cultura da convergência permite que o público reconheça referências cruzadas entre mídias, ativando leituras mais participativas e politizadas por meio dessa associação visual contemporânea.

Há também duas cenas em que os personagens Emma e Mr. Knightley se vestem, com ênfase nos rituais e no aparato envolvido, funcionam como uma forma de explicitar a performatividade de gênero e os marcadores de classe na sociedade inglesa do período regencial. Jenkins (2009) interpreta esse tipo de detalhamento como parte de uma lógica

de expansão do universo ficcional, em que elementos visuais e cotidianos enriquecem a experiência do espectador e favorecem leituras mais profundas, revelando a artificialidade da aparência e a igualdade de exigência social para ambos os sexos da elite.

Essa adaptação se relaciona diretamente com a teoria da adaptação de Hutcheon (2013), pois exemplifica como a estética pode funcionar como um elemento central no processo de ressignificação de obras literárias. A autora argumenta que adaptações são formas de reinterpretação criativa que levam em conta as especificidades da nova mídia, e, nesse caso, o uso da fotografia, figurino e direção de arte em *Emma* transforma o romance original em uma experiência visual e sensorial para o público, especialmente em relação à ironia e à sátira social. O filme de Wilde pode ser compreendido como um produto que, embora não amplie a narrativa para múltiplas plataformas, se adequa esteticamente ao imaginário visual do espectador contemporâneo.

Essas quatro adaptações analisadas exemplificam como diferentes mídias e públicos influenciam as escolhas temáticas, estéticas e ideológicas das obras baseadas em Jane Austen. Enquanto algumas enfatizam o romance e a nostalgia (como em *Orgulho e Preconceito*), outras adotam a linguagem digital e participativa (como em *The Lizzie Bennet Diaries*), ou mesmo promovem uma leitura crítica e expandida do universo austeniano (como em *Sanditon* e *Emma*).

As adaptações em língua inglesa, por razões óbvias, são em maior número se comparadas às demais produções mundiais. A título de exemplificação, para demonstrar o quanto os livros de Austen são adaptáveis, Sánchez (2008) elenca algumas adaptações espanholas a partir dos anos 1960. De 1966 a 1972, quatro adaptações baseadas nas obras de Austen foram exibidas *Orgullo y Prejuicio* (1966), minissérie em dez episódios, dirigida por Alberto González Verge. O segundo livro adaptado *Emma* (1967), minissérie em dez episódios por dirigida por Manuel Aguado. Por sua vez, *La Abadia de Northanger* (1968), também com dez episódios, foi dirigida por Pedro Amalio López. Já na década de 1970, Federico Ruiz dirigiu os dez episódios de *Persuasión* (1972).

No Brasil, temos três produções realizadas por diretores e atores exclusivamente brasileiros.

A primeira adaptação brasileira foi *Orgulho e Preconceito* (1962). Segundo Sales (2024) a versão foi exibida em formato de teleteatro pela TV Tupi. Essa produção representa um caso singular de adaptação intersemiótica na televisão brasileira dos

anos 1960, e pode ser analisada à luz das teorias de Hutcheon (2013) e Jenkins (2009) como um exemplo pioneiro tanto de tradução cultural quanto de convergência midiática em um período pré-digital.

Partindo do pressuposto de que toda adaptação é uma recriação que reflete o contexto em que é produzida (Hutcheon, 2013), o teleteatro da TV Tupi adapta não apenas a trama de Jane Austen, mas também seu modo de encenação, transpondo-o para um meio então emergente no Brasil — a televisão — com suas limitações técnicas e códigos estéticos próprios. A escolha por uma encenação teatralizada, com figurinos de época e um elenco composto por grandes nomes do teatro brasileiro na época (como Fernanda Montenegro e Sérgio Britto), reforça o caráter performativo da adaptação e sua função cultural: democratizar o acesso à literatura clássica por meio de um formato acessível ao público doméstico.

Sob a ótica de Jenkins (2009), embora essa adaptação não se insira no universo digital ou transmidiático contemporâneo, ela antecipa práticas de convergência ao fazer a ponte entre literatura, teatro e televisão. Trata-se de uma forma inicial de circularidade cultural, na qual o texto de Austen atravessa diferentes linguagens e chega a novos públicos por meio de um veículos de massa. A presença de atrizes e atores renomados, não apenas confere prestígio à adaptação, mas também serve como ponto de conexão emocional e cultural com o público brasileiro, ampliando o alcance e o impacto da obra original.

Essa versão do teleteatro evidencia como, mesmo em contextos tecnológicos limitados, as adaptações já operavam processos de reinterpretação cultural e de integração de mídias, antecipando formas mais complexas de convergência que desenvolveriam nas décadas seguintes.

O musical *Nuvem de Lágrimas* (2015), inspirado em *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen e ambientado no universo sertanejo brasileiro com músicas da dupla Chitãozinho & Xororó, pode ser analisado como uma adaptação enraizada em práticas de reinterpretação cultural e convergência de mídias. *Nuvem de Lágrimas* realiza uma transposição cultural, deslocando a narrativa originalmente situada na Inglaterra do século XIX para o interior do Brasil contemporâneo, com suas convenções, conflitos familiares e normas sociais próprias. Ao fazer isso, o musical não apenas traduz a trama de Austen para outro espaço-tempo, mas também a reconfigura para seus livros dialoguem com temas e emoções que ressoam com o público brasileiro — como a honra

familiar, os conflitos de classe, o orgulho regional e os valores afetivos ligados à música sertaneja.

O musical também exemplifica como a narrativa literária pode ser rearticulada por meio de múltiplas mídias e linguagens populares. O uso de canções consagradas do sertanejo romântico funciona como um ponto de identificação afetiva para o público, ativando memórias e vínculos emocionais prévios com a trilha sonora. Ao misturar teatro musical, cultura *pop* nacional e literatura canônica, o espetáculo promove um encontro entre diferentes públicos e repertórios culturais. Ainda que não se trate de uma adaptação transmidiática no sentido digital, a convergência aqui se dá pela justaposição de universos culturais e estéticos, tornando Austen acessível e relevante para novas audiências.

Por sua vez, a novela *Orgulho e Paixão* (2018), exibida pela TV Globo, constitui um exemplo paradigmático da adaptação como recriação, conforme proposto por Hutcheon (2013). Inspirando-se em seis romances de Jane Austen — *Orgulho e Preconceito*, *Razão e Sensibilidade*, *Emma*, *Mansfield Park*, *A Abadia de Northanger* e *Lady Susan* —, a obra transpõe os conflitos, personagens e temas do universo austeniano para o contexto brasileiro do início do século XX, mais especificamente o período da Primeira República. A escolha por ambientar a narrativa em um momento de profundas transformações sociais e políticas no Brasil permite à adaptação dialogar criticamente com temas como o papel da mulher, as relações de classe e o casamento por conveniência, em consonância com os dilemas morais presentes nos textos originais.

Neste sentido, essa adaptação não é uma mera cópia (Hutcheon, 2013), mas uma forma de reinterpretação cultural e intertextual; e assim, a novela expande os significados das obras de Austen ao articular suas tramas em uma linguagem popular e midiática. Simultaneamente, a novela *Orgulho e Paixão* pode ser analisada como fruto de uma cultura de convergência (Jenkins, 2009) ao se desdobrar em múltiplas plataformas digitais (redes sociais, sites oficiais, *fanpages*) e promover o engajamento de um público diversificado, que comenta, reinterpreta e reconfigura a narrativa em tempo real.

Esse engajamento com o público, pode ser observado nas alterações sutis e algumas significativas adotadas pelos roteiristas para agradar ao público que interagia nas redes sociais. Um exemplo disso é a troca do par romântico Ema e Jorge - Emma Woodhouse e Mr. Knightley no livro *Emma* de Austen - por Ema e Ernesto - personagem que sequer existe no cânone austeniano. A presença de personagens como Elisabeta

Benedito, uma versão tropicalizada e à frente de seu tempo como Elizabeth Bennet no livro, ilustra como os arquétipos literários de Austen são ressignificados para refletir os valores de uma audiência contemporânea, em um processo de circulação, apropriação e transformação cultural.

Considerações finais

A análise das adaptações das obras de Jane Austen, realizadas neste artigo, evidencia a vitalidade e a plasticidade de seu legado literário diante de diferentes contextos midiáticos, históricos e culturais. A partir das contribuições teóricas de Hutcheon (2013), foi possível compreender que o processo de adaptação vai além da fidelidade textual e se configura como uma forma de recriação estética e ideológica, que permite a ressignificação das obras originais em consonância com os valores e sensibilidades do presente. As adaptações analisadas – o filme *Orgulho e Preconceito* (2005), a websérie *The Lizzie Bennet Diaries* (2012-2013), a minissérie *Sanditon* (2019-2023), o filme *Emma*. (2020), o musical *Nuvem de Lágrimas* (2015), o teleteatro *Orgulho e Preconceito* (1962) e a novela *Orgulho e Paixão* (2018) – demonstram que a transposição de Austen para outros meios não implica apenas mudança de linguagem, mas sobretudo uma reconfiguração significativa de temas, personagens e ambientações.

Verifica-se que, em cada caso, as escolhas estéticas e narrativas são informadas por distintos propósitos e públicos-alvo. Enquanto algumas adaptações, como o filme de Joe Wright e o musical sertanejo brasileiro, investem em atmosferas emocionais e identitárias específicas, outras, como a websérie e a novela, exemplificam a cultura da convergência discutida por Jenkins (2009), ao promoverem experiências narrativas expandidas, interativas e multiplataforma. Ao mesmo tempo, tais reinterpretações sinalizam para uma ampliação do cânone literário, ao incorporar questões contemporâneas como raça, gênero, classe e sexualidade – aspectos explorados com mais ênfase em *Sanditon* e *Orgulho e Paixão*. A partir dessas observações, reforça-se a ideia de que o processo adaptativo não apenas atualiza a obra de origem, mas também a desafia e a transforma, possibilitando a emergência de novas leituras e discussões.

Nesse sentido, é importante destacar, conforme propõe Hutcheon (2013), que essas adaptações devem ser compreendidas simultaneamente como produto, processo e prática intersemiótica. Enquanto produto, as adaptações são obras autônomas que

dialogam com seu texto de origem, mas também se dirigem a um novo público, com novas expectativas e códigos culturais. Como processo, envolvem escolhas criativas e estratégicas por parte dos adaptadores, que reconfiguram enredos, personagens e atmosferas de acordo com os meios e gêneros escolhidos. Já como prática intersemiótica, as adaptações implicam na transposição de um sistema de signos para outro – como da linguagem verbal para a audiovisual, musical ou digital –, o que demanda soluções inventivas e transforma a natureza da narrativa original. As obras analisadas ao longo deste estudo evidenciam essas três dimensões, revelando como o universo de Austen é continuamente recriado por meio de operações que são, ao mesmo tempo, estéticas, culturais e sociais.

Os resultados desta investigação confirmam a hipótese inicial de que as adaptações audiovisuais contemporâneas da obra de Jane Austen operam como práticas intersemióticas e participativas, conforme os pressupostos teóricos de Hutcheon (2013) e Jenkins (2009). Ao reconfigurarem elementos centrais da narrativa, linguagem e valores dos romances originais, essas adaptações dialogam com os horizontes de expectativa de públicos diversos e refletem as transformações sociais, culturais e tecnológicas de seus respectivos contextos. Obras como *Orgulho e Preconceito* (2005), *The Lizzie Bennet Diaries* (2012 - 2013), *Sanditon* (2019 - 2023), *Emma*. (2020), *Nuvem de Lágrimas* (2015), *Orgulho e Preconceito* (1962) e *Orgulho e Paixão* (2018) demonstram que a fidelidade textual cede lugar a interpretações críticas, expandidas ou localizadas, que mantêm o espírito austeniano ao mesmo tempo que o reconfiguram para novos formatos e agendas discursivas. Trata-se, portanto, de uma dinâmica criativa em que a adaptação se afirma não como reprodução, mas como reinterpretação culturalmente situada e esteticamente inovadora.

Resumidamente, a relevância deste estudo reside, portanto, na articulação entre teoria e prática da adaptação, ao demonstrar como textos clássicos podem ser dinamizados por meio de diversas linguagens e tecnologias, sem perder sua potência crítica e estética. Ao adotar uma abordagem comparativa e transdisciplinar, esta pesquisa contribui para os estudos literários, culturais e midiáticos, oferecendo uma reflexão sobre os modos de circulação, apropriação e reinterpretação de narrativas do passado no contexto da cultura digital e globalizada.

Como perspectiva futura, sugere-se o aprofundamento das análises interseccionais dessas adaptações, com foco na representação de identidades

marginalizadas e na recepção crítica por parte dos públicos. Além disso, investigações que examinem a atuação dos fãs como co-autores nas adaptações transmídia, bem como estudos de caso sobre adaptações não ocidentais de Austen, podem ampliar o escopo das reflexões aqui iniciadas. Dessa forma, o campo dos estudos da adaptação continua a se mostrar fértil para compreender não apenas a permanência de Jane Austen no imaginário coletivo, mas também os mecanismos pelos quais a literatura se reinventa para dialogar com o presente.

Referências

BIAJOLI, M. C. P. When Sanditon met Pride and Prejudice: crossovers and influences in Jane Austen fan fiction. **Persuasions online**. V. 38, N. 2, Spring, 2018. Disponível em: <<https://jasna.org/publications-2/persuasions-online/volume-38-no-2/biajoli/>>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

BIAJOLI, M. C. P. A tela sobrepõe o papel: O seriado Orgulho e Preconceito e o surgimento da Austenmania. **Literausten**. V. 1, N. 1, p. 55-64, 2017. Disponível em: <<https://janeaustenbrasil.com.br/wp-content/uploads/2017/06/volume-01-nc3bamero-01-2017.pdf>>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

DE TERÁN, J. O. G. Adaptaciones audiovisuales de Jane Austen. Uma aproximación comparativa. IN: DE USERA, M. I. A; CARRERAS, P. G. (Coordinadores). *By a Lady – Estudios sobre Jane Austen*. Madrid: CEU Ediciones, 2017.

GRIFFITHS, E. B. **Was there a black heiress in Jane Austen's original Sanditon?**, 2020. Disponível online: <https://www.radiotimes-com.translate.goog/tv/drama/sanditon-black-heiress-miss-lambe/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc&_x_tr_hist=true>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

HARMAN, C. **Jane's Fame – How Jane Austen Conquered the World**. Edinburg: Conongate, 2009.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução de André Cechinel. 2ª edição. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

JANE AUSTEN'S HOUSE. Sanditon. [s.d.]. Disponível em: <<https://janeaustens.house/articles/sanditon/>>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, H. **Fans, Bloggers, and Gamers – Exploring Participatory Culture**. New York: New York University Press, 2006.

KINOSHITA, P. **Jane Austen – versões contemporâneas de Orgulho e Preconceito**. Curitiba: Appris Editora, 2016.

MANDAL, A.; SOUTHAM, B. **The Reception of Jane Austen in Europe**. London: Bloomsbury, 2007.

MARSHALL, M. G. Jane Austen's Sanditon: inspiring continuations, adaptations, and spin-offs for 200 years. **Persuasions online**. 2018. V. 38, N. 1, Winter, 2017. Disponível online: <<https://jasna.org/publications-2/persuasions-online/vol38no1/marshall/>>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

RAY, J. K. **Simply Austen**. New York: Simply Charly, 2017.

SAINT-GELAIS, R. Transfictionality. In: HERMAN, D.; JAHN, M.; RYAN, M. **Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. Abingdon: Routledge, 2005.

SALES, A. S. **Orgulho e Preconceito – teleteatro (1962)**. Jane Austen Brasil. 2024. Disponível online: <<https://janeaustenbrasil.com.br/2024/05/16/orgulho-e-preconceito-teleteatro-1962/>>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

SALES, A. S. **Jane Austen e seu Fandom Digital: emergências e propiciamentos em um sistema adaptativo complexo**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada da Faculdade de Letras, UFMG. 2018. Disponível online: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-B2MRHH>>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

SÁNCHEZ, M. C. R. A la Señorita Austen: Na overview of Spanish Adaptations. **Persuasions online**. V. 28. N. 2. Spring, 2008. Disponível online: <<https://jasna.org/persuasions/on-line/vol28no2/sanchez.htm?>>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

SIMONS, J. Jane Austen and Popular Culture. In: JOHNSON, Claudia L.; TUIITE, Clara. (Ed.) **A Companion to Jane Austen**. West Sussex, Blackwell Publishing, 2009, p. 467-477.

VICENTE, I. M. B. Pride and Prejudice, de Inglaterra a Estados Unidos, Índia e Internet... incluso zombis! IN: DE USERA, M. I. A; CARRERAS, P. G. (Coordenadores). **By a Lady – Estudios sobre Jane Austen**. Madrid: CEU Ediciones, 2017.

WELS, R. Pride and Prejudice in Black and White: First and Last Impressions (1938-1967). **Persuasions online**. V. 39, N. 1, Winter, 2018. Disponível em: <<https://jasna.org/publications-2/persuasions-online/volume-39-no-1/pride-and-prejudice-in-black-and-white-first-and-last-impressions-19381967/>>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

YAFFE, D. **Among the Janeites: A Journey through the World of Jane Austen Fandom**. New York: Hmh Books, 2013.

Data de submissão: 30/05/2025
Data de aceite: 02/09/2025